



A história dos métodos de interpretação em relação à escatologia oficial do pentecostalismo clássico

The History Of Methods Of Interpretation In Relation To The Official Eschatology Of Classic Pentecostalism

Ailto Martins

Docente de Teologia na Faculdade Refidim

Resumo: Este artigo apresentou uma breve análise da história dos métodos de interpretação escatológica em relação a escatologia oficial do pentecostalismo clássico. A pesquisa se mostrou bipartida, em dois tópicos principais. A primeira parte analisou a história dos métodos de interpretação escatológica, em detrimento a escatologia oficial do pentecostalismo clássico, acerca da continuidade, tendo em vista as assimilações em relação aos métodos exegéticos e teológicos, que influenciaram o desenvolvimento e a formulação escatológica do movimento pentecostal, e a (des)continuidade, que sinalizaram as rupturas, a respeito desses métodos de interpretação. A segunda parte do artigo, a pesquisa destacou as correntes de interpretação escatológica e referente a escatologia oficial do pentecostalismo clássico, a apropriação de específicas linhas de interpretação escatológica, e de (des)apropriação destas outras correntes, que marcaram a escatologia oficial do pentecostalismo clássico. Ainda, a metodologia da pesquisa contou com uma revisão bibliográfica, a respeito a comentários de teóricos especialistas acerca do tema. Os resultados esperados perpassaram a percepção e o conhecimento de toda história dos métodos de interpretação e suas influências e contribuições para a escatologia oficial do pentecostalismo clássico.

Palavras-Chave: Métodos. História. Pentecostalismo Clássico. Escatologia. Interpretação.

ABSTRACT: This article analyzes the history of eschatological interpretation methods in relation to the official eschatology of classical Pentecostalism. The research is divided into two main topics. The first part analyzes the history of eschatological interpretation methods, to the detriment of the official eschatology of classical Pentecostalism, about continuity, in view of the assimilations in relation to exegetical and theological methods, which influenced the development and eschatological formulation of the Pentecostal movement, and the (dis)continuity, which signaled the ruptures, regarding these interpretation methods. The second part of the article, the research highlights the currents of eschatological interpretation and regarding the official eschatology of classical Pentecostalism, the appropriation of specific lines of eschatological interpretation, and of (dis)appropriation of these other currents, which marked the official eschatology of classical Pentecostalism. Also, the research methodology has a bibliographical review, regarding the comments of

specialist theorists on the subject. The expected results permeate the perception and knowledge of the entire history of interpretation methods and their influences and contributions to the official eschatology of classical Pentecostalism.

Keywords: Methods. History. Classical Pentecostalism. Eschatology. Interpretation.

Introdução

A história do movimento pentecostal enfatiza que o pentecostalismo, não se constituiu como movimento singular, diante da pluralidade e diversidade que ele apresentou. Por isso, a forma correta de indicar este fenômeno é chamá-lo de pentecostalismos, sempre no plural, jamais no singular. Diante desta dificuldade, a pesquisa faz um recorte específico no termo. Primeiramente, busca nas diversas definições sociológicas uma possível delimitação. Entre as várias classificações dos pentecostalismos, utiliza-se da classificação do sociólogo Paul Freston³²⁶ (1994, p.70) a respeito das três ondas do movimento pentecostal: a primeira, do pentecostalismo clássico, com a chegada e a fundação no Brasil da Igreja Congregação Cristã, em 1910, e da Igreja Assembleia de Deus, em 1911; a segunda, nos anos 1950 e início de 1960, com as pentecostais Igrejas do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Igreja Deus é Amor (1962), destaques do período; e a terceira, designada também como neopentecostal, com a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1970). Seus precursores são o Bispo Edir Macedo e o Missionário R. R. Soares. Em segundo lugar, seguindo a delimitação e o recorte conforme a primeira onda destacam-se as denominações Igreja Congregação Cristã e Igreja Evangélica Assembleia de Deus, formando o pentecostalismo clássico segundo essa classificação.

Assim, dentro do pentecostalismo clássico, o recorte ocorre por motivo de expressão numérica e teológica, com ênfase na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que é a maior igreja pentecostal do Brasil. Ainda especificamente quanto aos assembleianismos³²⁷, a denominação escolhida na pesquisa é a Igreja Evangélica Assembleia de Deus vinculada à convenção de igrejas da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), ligada à Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Por isso, ao analisar a escatologia oficial do pentecostalismo clássico, fala-se a partir deste respectivo recorte e delimitação.

O credo oficial das Assembleias de Deus do Brasil ligadas à convenção de igrejas CGADB/CPAD, do ponto de vista escatológico, apresenta uma escatologia de linha milenarista, principalmente acerca da cristologia. Quanto à pneumatologia na questão

³²⁶ O sociólogo Paul Freston se baseou na classificação de David Martin (1978) quanto à divisão sociológica do protestantismo na história, que divide a dissidência protestante em três ondas: puritana ou calvinista, metodista e pentecostal. Ele utilizou a mesma ideia para classificar o pentecostalismo (FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis, 1994, p. 70).

³²⁷ Assembleianismos: conforme a tipologia assembleiana, Gedeon de Alencar faz uma delimitação no que se entende como as identidades das assembleias brasileiras, sendo que nunca existiu uma Assembleia de Deus, mas assembleias, no plural, devido aos ministérios distintos, convenções concorrentes, igrejas divergentes e estilos diversificados à natureza existencial. Assim, existem muitos assembleianos e diversas assembleias, portanto, há muitos assembleianismos (ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras: teorização, história e tipologia*. 2012. 283 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). PUC/SP. São Paulo, 2012, p. 72).

escatológica, o credo não faz nenhuma menção ao Espírito Santo. O documento com base milenarista descreve a parusia de Cristo, a grande tribulação, o tribunal de Cristo, o juízo final e o milênio. Em síntese, o credo, sob ótica escatológica da escatologia oficial do pentecostalismo clássico, compreende uma percepção escatológica de linha pré-tribulacionista³²⁸, dispensacionalista³²⁹ e pré-milenarista³³⁰. Diante deste fato, o artigo analisa no primeiro tópico da pesquisa, a história dos métodos de interpretação escatológica, em conformidade com a escatologia oficial do pentecostalismo clássico, no sentido de continuidade, com as assimilações, e em relação à descontinuidade, com as rupturas quanto aos métodos exegéticos de interpretação da teologia e, por conseguinte, da escatologia. Já, no segundo tópico do artigo, a pesquisa examina as correntes de interpretação escatológica em relação a escatologia oficial do pentecostalismo clássico, em detrimento a apropriação de específicas linhas de interpretação escatológica, e de (des)apropriação destas outras correntes, para o desenvolvimento e formação da escatologia oficial do pentecostalismo clássico.

1. A história dos métodos de interpretação em relação a escatologia oficial do pentecostalismo clássico

1.1 A história dos métodos de interpretação escatológica: continuidade e (des)continuidade com a escatologia oficial do pentecostalismo clássico

A interpretação formal das Escrituras Sagradas, de acordo com Farrar (2014 p.48) se desenvolveu por meio da história da hermenêutica, a qual teve início por ocasião do retorno de Judá (reino do Sul de Israel) do exílio babilônico sob a liderança de Esdras, de acordo com o registro do livro de Neemias 8:1-8. Isso foi necessário devido ao longo período da história de Judá, em que a lei de Moisés foi esquecida e negligenciada, apesar da descoberta do livro esquecido da lei, pelo sacerdote Hilquias, durante o reinado de Josias, no qual ocorreu a recapitulação da lei mosaica que a colocou em evidência, destacando seus ensinamentos e princípios norteadores para a vida dos judeus apenas por um breve período, para ser abandonada novamente nos anos de exílio. Pentecost (2006, p.30) concorda com essa tese e considera que o princípio da interpretação do Antigo Testamento começou por ocasião do retorno de Israel do exílio babilônico sob a liderança de Esdras. Pentecost (2006, p.31), ainda argumenta que ele teve que explicar ao povo as escrituras e que esta interpretação dos escritos ocorreu de forma literal, destacando ainda que a interpretação literal foi uma

³²⁸ Pré-tribulacionista: segundo a qual a igreja, o corpo de Cristo, em seu todo, será, por ressurreição e por transferência, retirada da terra antes de começar qualquer parte da septuagésima semana de Daniel (PENTECOST, J. Dwight. *Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros*. São Paulo, 2006, p. 217).

³²⁹ Dispensacionalistas: são assim denominados porque compreendem que a história da redenção está dividida em sete dispensações. A dispensação é definida como um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à sua obediência e a algumas revelações específicas da vontade de Deus (LOPES, Edson Pereira. *Fundamentos da Teologia Escatológica*. São Paulo, 2013, p.38).

³³⁰ Pré-milenaristas: dividem-se em relação a pré-milenarismo histórico e pré-milenarismo dispensacionalista. A marca distintiva entre as duas correntes de interpretação se baseia no fato de a primeira corrente não estabelecer distinção entre a igreja (formada de judeus e gentios, que se tornam povo de Deus) e Israel. Já a segunda corrente faz a diferença entre esses dois povos. Contudo, ambos defendem, em linhas gerais, que Cristo voltará antes do milênio e literalmente reinará sobre a terra por um período de mil anos, antes da restauração final de seu senhorio (LOPES, Edson Pereira. *Fundamentos da Teologia Escatológica*. São Paulo, 2013, p.31).

característica marcante de todo o Antigo Testamento e da época de Cristo.

Contudo, Lopes (2003, p.55-58) descreve que a primeira forma de interpretação das escrituras veterotestamentárias foi o *midrash*³³¹, que procurava o verdadeiro significado do *Tanakh*³³². Assim, de acordo com esta teoria da história da hermenêutica, a interpretação formal das escrituras sagradas, teve início por ocasião do retorno de Judá (reino do Sul de Israel) do exílio babilônico sob a liderança de Esdras. Diante disso, a maioria da tradição protestante e pentecostal fundamentalista defenderam que o primeiro método de interpretação da Bíblia foi o literal. Ainda, a tradição católica defendeu o método alegórico. Diante disso, a escatologia dispensacionalista milenarista pentecostal optou pelo método literal de interpretação escatológica.

A interpretação do Antigo Testamento a respeito da escatologia origina-se de acordo com Jesus (2016, p.100-111) em uma esperança sinalizada para o futuro, por vezes iniciada por um processo de libertação ou cativo e, em seu núcleo, a ideia de uma salvação realizada por Deus, sendo essa esperança, em diversos momentos da história de Israel, retomada, ressignificada e intensificada em expectativas para o futuro – porém, nunca interrompida, pois nenhum período histórico teve a capacidade de anulá-la de maneira definitiva. Outro aspecto importante da interpretação do Antigo Testamento é a ideia da aliança, na qual está deduzida a obediência da lei divina como condição para o cumprimento da promessa de um grande futuro. Piper (2016, p.18) destaca também um julgamento divino tanto para aqueles que fazem mal ao povo de Deus quanto para os membros desobedientes deste povo. Isso significa que, para Israel, a história se constituía numa relação recíproca entre Deus e o seu povo, acreditando que a interpretação desta história visava um fim definido e instituído pelo próprio Deus e, com isso, tinham convicção de que este propósito podia ser atingido.

No entanto, Blank (2016, p.18) destaca que a teologia escatológica dos profetas, apesar de confirmar a crença de que Deus age na história por meio da sua imanência, conduzia o processo histórico fielmente em direção a uma plenificação de paz e justiça. Eles lembravam constantemente ao povo dos perigos de se desviar dos projetos escatológicos de Deus e denunciavam os poderes político e religioso que poderiam defender interesses em nome da religião, contrários aos projetos de Deus. Ainda, Lopes (2013, p. 25) salienta que as expectativas que moviam e motivavam os judeus no Antigo Testamento emanavam da vinda do redentor (o Messias), referido de diversas maneiras nas Escrituras Sagradas por intermédio de várias figuras, o qual deveria vir em algum tempo futuro com o objetivo de remir o povo, que vivia em grande sofrimento.

A tradição pentecostal, salienta que o Antigo Testamento serve de base, para a interpretação Novo Testamento. Esse fato é muito importante para a escatologia pentecostal, visto que de acordo com Lopes (2013, p.26) se constitui na passagem entre o Antigo e o Novo Testamento, o que, para os pentecostais, é o cumprimento parcial

³³¹ *Midrash*: deriva da raiz hebraica *darash*, que significa “investigar”, “averiguar”. Referindo-se à época rabínica, o termo pode significar tanto um tipo de literatura quanto uma forma de interpretação da literatura bíblica. Pode ser chamado de expressão poética ou espiritual da interpretação dos rabinos judaicos. SILVA, Jérfeson Marques da. *Panorama histórico da interpretação bíblica: do Antigo Testamento até o período dos reformadores*. v.20, n. 20. Curitiba: Revista Via Teológica, 2019, p.68.

³³² *Tanakh*: Bíblia hebraica, o cânon judaico, é composto por 24 livros que se agrupam em três conjuntos: Torah - Lei (cinco livros); Neviim - Profetas (oito livros); e Ketuvim Escritos (onze livros). Disponível em: < <https://www.dicionarioinformal.com.br/tanakh/> > Acesso em: 02 de jul. 2020.

das promessas em relação ao redentor (o Messias), visto que algumas profecias somente serão cumpridas no estado pleno de exaltação de Jesus, o Cristo. Nesse sentido, para os pentecostais, a perspectiva escatológica do Novo Testamento pode ser considerada como uma escatologia inaugurada, não realizada, resultando em uma tensão entre o já-ainda-não contida na percepção escatológica da teologia paulina referente às promessas cumpridas no tempo presente e àquelas que irão se cumprir em sua plenitude após a vinda do reino de Deus.

Quanto as escrituras neotestamentárias de acordo com Souza (2020, p.3) o *midrash* contribuiu para a formação e a exegese do Novo Testamento, enquanto método de leitura e exegese utilizado pelos escritores neotestamentários, com o objetivo de proclamar e confirmar o cumprimento da escritura na pessoa de Cristo por meio de sua obra expiatória e atualização teológica e moral, além do aporte teológico na formação do Novo Testamento, visto que a comunidade cristã nasce e se configura dentro da religião judaica. Por isso, a compreensão dos métodos das tradições exegéticas da hermenêutica judaica para a formação dos textos do Novo Testamento e a interpretação que estes escritores fizeram do Antigo Testamento tornam-se fundamentais para a leitura e a interpretação dos textos neotestamentários. Tal aspecto evidencia que a natureza do *midrash* do Novo Testamento é do cumprimento messiânico dos escritos veterotestamentários: Jesus é, ao mesmo tempo, aquele que transmite e ele é a própria tradição. Os autores Collin e Lenhardt (1994, p.89-96) identificaram três modelos diferentes de *midrash* na redação do Novo Testamento: promessa-cumprimento, inserção-substituição e oposição-contraposição. Cabe destacar que o primeiro faz uma releitura do Antigo Testamento na perspectiva da fé em Jesus, enquanto o segundo trata da antiga aliança em detrimento da nova aliança e o terceiro é relativo ao cumprimento das promessas messiânicas do AT realizadas em Cristo em forma de antíteses.

Outra questão que traz luz à interpretação neotestamentária está no questionamento dos apóstolos (At 1:6) sobre o momento em que Jesus iria restaurar o reino em Israel após sua ascensão, cuja resposta de Cristo, parcialmente, tinha uma conexão com o Espírito escatológico que estava próximo a ser derramado. Este avivamento no Pentecostes possibilitava a atividade redentora do Espírito de Deus, que se move além dos limites de Israel, chegando até aos lugares mais longínquos da terra. Charette (2011, p.41) afirma que o reino foi restaurado para Israel, nesse sentido teológico, quando a nação se tornou o centro e o ponto de partida da redenção escatológica que atinge todas as pessoas. Por isso, conforme Lopes (2013, p.26-27), os escritores neotestamentários ainda desenvolveram duas perspectivas de interpretações escatológicas: quando olhavam para trás, para a vinda de Cristo, que havia sido predita pelos profetas do Antigo Testamento, e chegavam à conclusão de que estava agora nos últimos dias; e quando olhavam para frente, para a consumação final ainda por vir e, por isso, tinham a convicção de que o último dia estava chegando, que havia a expectativa do Cristo, que já foi revelado e que surgirá pela segunda vez.

A escatologia, nos dois primeiros séculos, considerava o fim do mundo e a vinda de Cristo como iminentes e, diante desta crença, proclamava a ressurreição de Jesus. Já no século III, surgiu a Escola de Alexandria³³³, ou Catequese, com seus principais

³³³ Escola de Alexandria ou Catequese: localizava-se em Alexandria, no Egito. Ensinava um sentido coletivo para algumas tendências em literatura e filosofia. De uma instituição qualificada, tornou-se o centro cultural helenístico do período romano e ficou conhecida como a escola do método alegórico de

expoentes Clemente de Alexandria e Orígenes de Alexandria, com suas teorias e obras. Pentecost (2006, p.38-40) pondera que este período marcou a transição entre a igreja antiga (apostólica-patristica) e a medieval. Souto (2018, p.12) descreve que Clemente de Alexandria (150-255 d. C.) foi o primeiro autor deste período a trabalhar conceitos escatológicos. Contudo, é em Orígenes de Alexandria (185-254 d. C.) que se verifica um pensamento apologético em relação à escatologia, que chama a atenção em suas obras “Contra Celso” e “Tratado sobre os princípios”, temas relacionados a questões escatológicas, como a doutrina do logos, o começo do mundo e as causas, a apocatástase (restauração universal), a consumação e o fim do mundo, o reino de Deus e a esperança dos cristãos quanto à escatologia do mundo. Diante de todos esses temas, a apocatástase estava interligada às temáticas de criação e destruição do mundo e sintetizava o poder do logos — termo criado por Orígenes para designar a restauração universal de todas as coisas em unidade absoluta com Deus. Em síntese, representava a redenção e a salvação de todos os seres, inclusive dos que habitavam o inferno, expressando uma classe de acontecimentos posterior, até mesmo, ao próprio apocalipse. Souto (2018, p.63), ainda destaca que a ideia de apocatástase, no primeiro Concílio de Constantinopla, que se realizou em 381 d. C., foi condenada e considerada como errônea, mantendo a visão tradicional de apocalipse.

A metodologia exegética desenvolvida por Orígenes de acordo com Nascimento (2017, p.65) corresponde aos conceitos de alegoria³³⁴ e exegese apresentada pelo autor na obra “Tratado sobre os princípios” e em sua apologia aos escritos de Celso, no livro “Contra Celso”, o qual buscava um discurso simples, de caráter universalista, favorável para o entendimento das escrituras por todas as pessoas em oposição à retórica grega. A interpretação alegórica de Orígenes aprimorava a alegoria espiritual, com o objetivo de descobrir o sentido mais profundo das escrituras, como um processo técnico que produzia a certa expressão um significado diferente do literal.

Embora ele não desqualificasse inteiramente o sentido literal e histórico do texto, recomendava que este método fosse utilizado com atenção para a leitura das Escrituras, com o intuito de verificar em que momento o sentido literal se torna confiável e onde ele impossibilita a interpretação do texto. Nascimento (2017, p.68) comenta que Orígenes também refutou a exegese judaica em sua literalidade por meio de uma longa alegoria que criticava a falta de referências a Cristo e, ainda, a reserva referente ao seu advento — daí a crítica que ele fazia aos judeus, que interpretavam a lei e a história dos profetas somente do ponto de vista histórico e literal, o que não seria suficiente para a exegese de textos obscuros e de difíceis interpretações. Assim, Nascimento (2017, p. 71) diz que as críticas ao método de interpretação alegórica de Orígenes vieram principalmente da Escola de Antioquia³³⁵, onde Deodoro de Tarso

interpretação, com os principais representantes Clemente (150-215 d. C.) e Orígenes (185-254 d. C.). LUPI, Joao Eduardo Pinto Basto. *A escola de Alexandria como núcleo do helenismo cristão*. Florianópolis: UFSC - Revista de Ciências Humanas, 2019, p.5.

³³⁴ Alegoria: dizer uma outra coisa ao dizer uma coisa. RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Porto-Portugal: RES-Editora, 1969, p. 64.

³³⁵Escola de Antioquia: localizava-se em Antioquia da Síria e surgiu em oposição à Escola de Alexandria. Dominou a exegese bíblica e da teologia nos primeiros séculos da igreja cristã. Ficou conhecida como a escola do método literal ou histórico de interpretação, com os principais representantes Deodoro de Tarso (330-394 d. C.), Teodoro de Mopsuéstia (350-428 d. C.) e João, o Crisóstomo (407 d. C.). ARAGÃO JÚNIOR, Ricardo José Fernandes. *A escola de Antioquia: uma reflexão sobre seu estilo*

(330-394 d. C.) criticava as alegorias porque as considerava um enigma semelhante aos modelos gregos de interpretação, não no sentido da teologia paulina, enquanto espiritualização que não elimina a realidade histórica.

Diante desse contexto, a questão fundamental trazida pelas duas escolas de interpretação, Alexandria e Antioquia, procede do método exegético. O problema hermenêutico ocorria devido à “adoção de diferentes métodos de interpretação que produziu as várias posições escatológicas e dá conta das diversas concepções de cada sistema em desafio ao estudo da profecia” (PENTECOST, 2006, p.29). A respeito disso, as diferenças fundamentais de cada escola de interpretação se estabelecem devido à exegese adotada. Shedd (2006, p.12) concorda com essa posição ao destacar que grande parte das divergências escatológicas da igreja evangélica se estabelece devido às diferentes exegeses feitas nas interpretações dos textos escatológicos da Bíblia. Por isso, a compreensão do significado de determinadas porções bíblicas de caráter escatológico, conforme o método utilizado tem dirigido teólogos a diferentes posições escatológicas.

O autor Pentecost (2006, p.32) comenta que a ascensão da alegorização na história incide pelas dificuldades dos escritores e intérpretes do primeiro século, que ainda não tinham um cânon claramente definido, tanto das escrituras veterotestamentárias quanto das neotestamentárias, um fato que, para o referido autor, abriu espaço para a escola alegórica. Dessa maneira, entre os métodos de interpretação escatológica, destacam-se como principais o alegórico e o literal. Pentecost (2006, p.32) corrobora com esta afirmação salientando que há dois métodos com influência vital na escatologia: o alegórico e o histórico-gramatical, sendo que o método literal é geralmente tido como sinônimo do método histórico-gramatical. Portanto, a forma literalista de interpretação considera os contextos históricos e gramaticais dos textos bíblicos. Já a alegorização destaca o sentido secundário e espiritual da porção bíblica, e “deve-se interpretar passagens proféticas literalmente, do mesmo modo que interpreta outras porções das Escrituras” (WOOD, 1993, p. 24). Contudo, Wood (1993, p.25) argumenta que, mesmo dentro do método literal, a linguagem figurada precisa ser usada e reconhecida, visto que muitas passagens bíblicas usam metáforas. Ainda assim, o referido autor refuta o método alegórico de interpretação, porém, dentro desse contexto e nos períodos seguintes, surgem ideias confusas a respeito da cristologia.

A teologia de Orígenes influenciou as renomadas figuras de Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa, os padres capadócijs, no século IV, que deram uma contribuição importante para a teologia cristã. Quanto ao pensamento escatológico dos três teólogos, Basílio de Cesareia apresentava em suas obras a disposição origenista de interpretar os conceitos tradicionais da esperança da igreja cristã em termos espirituais e psicológicos. Em suas ideias encontravam-se a consciência da importância da precisão do juízo e a retribuição referentes aos resultados da vida moral dos cristãos. Já Gregório Nazianzeno, por meio da doutrina das três dispensações, enfatizava o principal objetivo da economia divina referente à soteriologia é à participação das pessoas como criaturas humanas na divindade, por isso, o logos divino assume a pobreza humana, para que a humanidade possa assumir as riquezas de sua deidade. Já, de acordo com Silva (2013, p.248-253) Gregório de

interpretativo à luz de São João Crisóstomo. n.2, s.1. São Paulo: Revista Summae Sapientiae, 2019, p. 170.

Nissa reafirmava o conceito de apocatástase — restauração de todas as coisas de Orígenes —, contudo, rejeitava a noção do estado original da doutrina origenista, enfatizando o aspecto reducionista deste ensino quanto à esperança e, por conseguinte, à salvação e à ressurreição de todos os seres humanos. Diante disso, Gregório de Nissa chamava a atenção para uma escatologia interligada à protologia, que significa o ingresso no repouso eterno como o retorno humano ao paraíso e implica em seu pensamento escatológico final uma eterna páscoa, pressupondo o resgate e a integridade humana. Nesse período, a interpretação da escatologia capadócia podia ser considerada a partir de uma visão escatológica otimista, por isso, era clara referência à exclusão do mal e à restauração de todas as coisas.

A interpretação das escrituras, na Idade Média, enfatizou o método alegórico. O trabalho do padre Lubac³³⁶ sobre os quatro sentidos da interpretação bíblica — histórico, alegórico, moral e anagógico — ampliou mutuamente as possibilidades do trabalho exegético para além da simplicidade da reinterpretção da antiga aliança e da correlação entre os dois testamentos das escrituras. A partir de então, Ricoeur (1969, p.373) observa que a hermenêutica medieval buscou interpretar a coincidência entre duas formas de inteligência, a da fé na leitura orante e a da realidade inteira divina e humana, histórica e física. Entre esses quatro sentidos, o período medieval cedeu espaço para o sentido moral, que marcou o emprego do sentido alegórico com o intuito de distinguir a hermenêutica de uma simples exegese na definição estrita do termo, enfatizando a própria leitura da vida no espelho do texto. Ricoeur (1969, p.374) diz que o objetivo dessa metáfora era atualizar o sentido espiritual e redefinir a existência conforme a consonância de Cristo, por isso, o verdadeiro lugar do sentido moral era depois da alegoria. Diante disso, Pentecost (2006, p.41) argumenta que a Idade Média teve a ascensão do eclesiasticismo, sistema que reconhece a autoridade da igreja sobre questões doutrinárias, o que deu uma enorme contribuição para o método alegórico sob influência do grande teólogo Agostinho de Hipona. Santo Agostinho (2002, p. 91), como é conhecido entre os católicos, defendia o método alegórico para a interpretação das escrituras e, em seu livro “Doutrina cristã”, estabeleceu alguns princípios para essa tarefa. Ele destacava a importância dos métodos literal e histórico, porém, dizia que as escrituras tinham mais que um sentido e, assim, ressaltava o método alegórico como o mais apropriado.

Ainda na Idade Média, destacaram-se, na interpretação das escrituras, os pensamentos de Joaquim de Fiore (1135-1202 d. C.) e Tomás de Aquino (1225-1274 d. C.). De acordo com Rossatto (1998, p.523-524) Fiore exerceu grande influência entre os medievais por três características em sua exegese: a leitura concordista das

³³⁶ A obra de Henri de Lubac: os quatro sentidos da escritura. A exegese da Idade Média não é feita somente de interpretações que parecem oportunistas para os que não compartilham o seu espírito. Ela geralmente seguia regras bastante firmes, ainda que não formuladas claramente. O padre Henri de Lubac, em sua obra magistral intitulada “*L'exégèse médiévale*”, mostrou como a reflexão da Idade Média assumiu a escritura segundo quatro sentidos que Agostinho da Dácia sintetizou em seu famoso dístico de 1827: “A letra ensina os fatos nos quais crês alegoricamente, que realizas moralmente e na direção dos quais tendes anagógicamente”. Distinguem-se, assim, um sentido literal e três sentidos espirituais: alegórico ou dogmático, moral ou ético e anagógico. São apresentados rapidamente estes quatro sentidos, que formam a estrutura essencial da exegese medieval. Disponível em: <http://arqrio.org/formacao/detalhes/971/a-palavra-de-deus-na-biblia-19-interpretacao-e-traducao-da-biblia>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

escrituras; a interpretação da história por um viés teológico por meio da doutrina da trindade como três períodos, estágios ou fases da história³³⁷; e a terceira idade de plenitude e perfeição. A originalidade do pensamento do referido autor do século XII consistia no método concordista, referente à concordia que se diferia do entendimento clássico da alegoria. Apesar de não rejeitar totalmente este método, visto ser um recurso exegético que observa, enriquece e matiza a interpretação das Escrituras, Rossatto (2004, p.22-23) diz que a concordia de acordo com Joaquim de Fiore definia as regras e fundamentava a estrita literalidade dos textos bíblicos, orientando-se conforme o complexo diagrama numérico e geométrico, que representa, por um lado, elementos numéricos tirados dos textos bíblicos (12 patriarcas, 12 apóstolos, entre outros) e, por outro, as paridades de composições resultantes da concordância entre figuras individuais ou contextos de paradigmas inclusos em um complexo organograma histórico, como, por exemplo, guerra-guerra, ordem-ordem, perseguição-perseguição, império-império etc. Nesse sentido, o método concordista apresentava dois caminhos diferentes. O primeiro, relacionado à concordância literal entre os dois testamentos, por isso, era necessário que concordassem entre si os indivíduos, as estruturas históricas e as cifras numéricas. E o segundo, quanto ao resultado da síntese desses elementos qualitativos e quantitativos entrelaçados, chamados de inteligência espiritual.

Assim, com os dados obtidos pelos dois testamentos e com a ajuda do método concordista, podia-se ler e desvendar o projeto universal e delinear sua tendência futura. Tomás de Aquino realizou uma análise em determinadas teses escatológicas de Joaquim de Fiore, apontando supostos desvios doutrinários. A respeito disso, ele representava a superação da teologia monástica de Fiore para a teologia escolástica³³⁸. No tocante a este ponto, a teologia de Santo Tomás estava totalmente disponível ao serviço da unidade e, por isso, lutou contra a divisão entre a filosofia e a teologia, empenhando-se para minimizar os embates entre as duas ciências, proporcionados, principalmente, pela rivalidade entre os pensamentos aristotélico e agostiniano. Gatt (2020, p.386) relata que para Aquino, a teologia era um discurso fundamentado em um método científico, como o aristotelismo, aspecto que evidencia que ele quis

³³⁷ Os três períodos, estágios ou fases da história: isso quer dizer mais exatamente que, para Joaquim, a história transcorre em acordo com três estágios bem definidos e distintos. Uma era que corresponde ao pai, relativa ao período bíblico do Antigo Testamento, na qual os homens vivem segundo a carne (*in quo vivebant homines secundum carnem*) e a literalidade da letra da lei, que se impõe e que deve ser forçosamente seguida. Um segundo período próprio ao filho, que está em plena correspondência com a mescla entre carne e espírito (*inter carnem et spiritum*) e que diz respeito ao amor e à instauração da igreja no mundo. E um terceiro e último período que se relaciona com o Espírito Santo (*in quo vivitur secundum spiritum*), no qual não haverá coação externa e, conseqüentemente, a humanidade passará a viver no reino da plena liberdade, na perfeição do entendimento e no amor (ROSSATTO, Noeli Dutra. *Hermenêutica e leitura da história em Joaquim de Fiore*. V. 43. N° 3. Porto Alegre: VERITAS, setembro 1998, p. 520).

³³⁸ Escolástica: é uma das vertentes da filosofia medieval. Surgiu na Europa, no século IX, e permaneceu até o início do renascimento, no século XVI. O maior representante da escolástica foi o teólogo e filósofo italiano São Tomás de Aquino, conhecido como Príncipe da Escolástica. Além de ser uma corrente filosófica, a escolástica pode ser considerada um método de pensamento crítico que influenciou as áreas do conhecimento das universidades medievais. Nesse método de aprendizagem, diversas disciplinas estavam inseridas no currículo, as quais estavam divididas em: Trivium - gramática retórica e dialética; Quadrivium - aritmética, geometria, astronomia e música. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/filosofia-escolastica>>. Acesso em 10 de jul. 2020.

harmonizar a filosofia aristotélica de maneira favorável aos ensinamentos da fé, afastando-se da teologia agostiniana, que não pode prescindir a razão humana, com o objetivo de defender a racionalidade da pessoa frente à verdade de Deus. Diante desse contexto, o ensino da escolástica desejava dar uma maior racionalidade às expressões intelectuais trazidas pelas exigências das universidades³³⁹.

Ainda sobre a necessidade do desenvolvimento teológico por meio do método lógico-dedutivo, que passou a fundamentar o ensinamento da escolástica em sua totalidade, o método dialético escolástico, de acordo com Rossatto (2002, p.46) significava uma técnica que surgia na medida em que se concretizava um processo de transformação no ensino tradicional das escolas e, conseqüentemente, uma mudança na tradicional leitura da história, indicando o comentário literal. Mediante análise gramatical do professor que busca elucidar o sentido do texto em uma exposição lógico-formal, para a escolástica geral, o sentido espiritual da tradição estaria todo incluso no sentido literal, forma que aparece nas primeiras questões da “Suma Teológica”, de Tomás de Aquino. Santos (2017, p.133-134) chama a atenção que o século XIII é considerado o período do renascimento devido à redescoberta da obra de Aristóteles, que foi decisiva para o desenvolvimento da escolástica e do restante do pensamento da Idade Média, além de uma ponte segura entre o mundo antigo, a cristandade e a modernidade.

Diante das controvérsias entre o método literal da Escola de Antioquia e o método alegórico da Escola de Alexandria, sendo que os princípios hermenêuticos e exegéticos para a interpretação da escatologia variavam de acordo com o método, Pentecost (2006, p.32) defende o literalismo como o melhor, comentando que a consideração primordial em relação à interpretação profética talvez seja que, como todas as outras áreas de interpretação bíblica, ela deve ser interpretada literalmente, independentemente da forma de algumas verdades literais são reveladas. Cabe destacar que no período da reforma protestante, Lutero e Calvino buscaram retornar ao método literal de interpretação. João Calvino é considerado o fundador da exegese do método histórico-gramatical, a qual Calixto (2001, p 6) difere da hermenêutica literalista contemporânea, visto ser este o método da corrente escatológica pré-milenarista, que diz que Cristo irá voltar antes do milênio.

Este ponto de vista de segundo Grudem (1999, p.949) é defendido desde os primeiros séculos do cristianismo — alguns pré-milenaristas consideravam mil anos literais, quando, no fim da era da igreja, Cristo voltaria à terra para estabelecer um reino milenar. Já “Lutero, em síntese, procurou restituir a escatologia ao seu nicho estritamente teológico” (ANCONA, 2013, p.188). Apesar disso, o reformador, que estava vinculado à tradicional concepção católica escatológica sobre morte, alma e ressurreição, de acordo com Portella (2010, p.55) reproduziu a doutrina católica sobre a escatologia da pessoa³⁴⁰, à exceção do tema do purgatório, e ensinava assuntos como

³³⁹ O surgimento da universidade, no início do século XIII, na França e em diversos outros pontos da Europa, “representa uma grande mutação no sistema de ensino medieval. Pela primeira vez, funda-se e organiza-se uma instituição cuja identidade primeira é a dedicação ao estudo. Enfim, assiste-se, no interior das relações medievais, a criação de um espaço social destinado somente ao saber”. OLIVEIRA, Terezinha. *Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional*. V. 23, N. 37. Belo Horizonte: Varia História, jan./jun., 2007, p. 113-129.

³⁴⁰ Escatologia da pessoa: voltada a temas essenciais da vida humana - morte/alma/ressurreição. Trata dos acontecimentos que sobreviriam à pessoa após sua morte, como ressurreição, imortalidades da alma

a imortalidade da alma e a preparação para a morte, especificamente por meio da assiduidade aos sacramentos e à ressurreição do corpo, não como uma nova criação da pessoa, mas com a recuperação e a vivificação do mesmo corpo por meio da revitalização do Espírito Santo.

Os séculos XIX e XX expuseram momentos de intensa agitação teológica devido, principalmente, às transformações ocorridas na Idade Moderna em diversas áreas do conhecimento — nos planos políticos e econômicos, com o surgimento do capitalismo, a separação entre igreja e Estado, o surgimento dos movimentos filosóficos da renascença (ou renascimento), o iluminismo, o racionalismo, a emancipação do sujeito, entre outros. Assim “nesse período novos conceitos da própria natureza da religião irrompiam sobre a igreja. Produziam mais transformações radicais na natureza fundamental da teologia do que talvez já ocorrera em todos os séculos anteriores, desde o tempo do Novo Testamento” (ERICKSON, 2010, p.16). A partir das mudanças apresentadas neste período histórico, ocorreu uma oposição entre o pensamento moderno iluminista e o pensamento cristão medieval. Por causa disso, surgiu o liberalismo teológico, com a teologia liberal (que utilizou o método histórico-crítico) e a neo-ortodoxia, com o objetivo de responder ao pensamento da modernidade iluminista. Assim, a teologia cristã enfrentou diversas críticas e transformações. Entre as disciplinas teológicas mais afetadas, apareciam a cristologia e a escatologia. De acordo com Erickson (2010, p.23), o teólogo alemão Johannes Weiss, em 1892, em uma de suas obras, abordou o ensino de Jesus numa perspectiva totalmente diferente. Em vez de pressupor que Jesus estava falando acerca de um reino ético, concluiu que a visão de Jesus era completamente escatológica ou até mesmo apocalíptica e futurista. Tal abordagem de Weiss recebeu o nome de escatologia consistente ou radical.

Outro teólogo e filósofo alemão que se tornou um dos personagens mais destacados na interpretação do ensino escatológico de Jesus foi Albert Schweitzer. Esse teólogo, “na busca pelo Jesus histórico, desafiou os intérpretes idealistas alemães de sua época, acusando-os de entenderem erroneamente o que a Bíblia apresenta no campo da escatologia, tornando a interpretação das Escrituras novamente popular” (SHEDD, 2006, p. 10). Contudo, segundo Erickson (2010, p.34), o trabalho de Schweitzer iniciou-se com um raciocínio estritamente argumentativo e analítico, mas sua nota conclusiva é no mínimo muito vaga e subjetiva, que não pode servir como crença adequada para os dias de hoje. No entanto, a história da teologia cristã demonstra que cada teoria corre seu próprio percurso até atingir seu ponto máximo de aceitação e influência, logo sendo substituída por outro conceito em afinidade a alguns aspectos relacionados ao anterior, que foi superado. Em síntese, isso ocorreu com a escatologia consistente de Weiss e Schweitzer — de acordo com Erickson (2010, p.34), este método de interpretação tornou-se suplementado pela escatologia realizada de Charles Harold Dodd. Enquanto a escatologia consistente afirmava que os acontecimentos profetizados por Jesus nunca ocorreram, a escatologia realizada por Dodd argumentava que esses acontecimentos já haviam ocorrido. Com isso, ele desafiou a ideia futurista da escatologia.

O despertar escatológico na teologia protestante, como já visto, deve-se às influências das interpretações escatológicas de Johannes Weiss e Albert Schweitzer, entretanto, de acordo com Santos (2005, p.517) foi o teólogo Karl Barth que

encontram com Deus, céu, inferno e purgatório. BLANK, Renold. *Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2000.

sistematizou a ideia. A escatologização programática da totalidade da teologia de Barth significava que o termo escatológico perdia todo o seu conteúdo temporal, ou seja, escatologia não tinha relação com o tempo e as expressões bíblicas “final dos tempos” ou “depois do tempo” apenas ajudavam na maneira de pensar das pessoas, sendo que ninguém estava preso no tempo, pois, na realidade, a eternidade não era comparável ao tempo, à *parusia*³⁴¹. Isso não denota um acontecimento temporal, mas significa algo extremamente atual para cada homem. Este pensamento de Barth dos primeiros anos, em sua obra “O Comentário da Carta aos Romanos”, foi que abriu uma nova etapa à escatologia, em alguns pontos aproximando-se de uma escatologia existencial. Esta corrente escatológica aparecia em duas vertentes na perspectiva protestante: na primeira vertente, religiosa, representada por Rudolf Bultmann; e na segunda vertente, “não religiosa”, representada por Dietrich Bonhoeffer— ambas são analisadas na sequência.

O existencialismo cristão³⁴² tentou propor uma escatologia da eterna invasão no presente. Os autores Althouse, e Waddell (2010, p.17) relatam que o teólogo Rudolf Bultmann foi um existencialista cristão que, com base na filosofia de Heidegger, compreendeu a escatologia como uma decisão pessoal de fé no presente, que se realizava por meio do encontro existencial com Cristo. No entanto, era desprovido de mitologias bíblicas ou realidades históricas, já que em seus estudos do Novo Testamento concluiu que os registros da escritura neotestamentária em sua natureza eram mitológicos. Erickson (2010, p.41-44) comenta que a escatologia existencialista bultmaniana acompanha essa ideia. Com isso, descreve o método de desmitologização de Bultmann, que constitui em interpretar ou reinterpretar a mitologia do Novo Testamento, ou seja, compreender o mito por meio de seu significado existencial. Diante disso, a escatologia de Bultmann aproximou-se da escatologia consistente e contrariou as ideias dos autores liberais e a escatologia realizada. Assim, expôs um discurso em que Cristo cria num reino de Deus futurístico, todavia, na pessoa de Jesus, o grande legislador escatológico futuro, o Filho do Homem, já estava presente.

Outro teólogo que representava, juntamente com Bultmann, a escatologia existencial, mas agora em sua forma não religiosa, era Dietrich Bonhoeffer. Seu

³⁴¹ *Parusia*: o interesse pela *parusia* advém do fato de que a comunidade cristã primitiva esperou um acontecimento que finalizaria a história num duplo sentido: seja porque lhe conferiria uma finalidade, uma meta, seja porque lhe conferiria uma conclusão. O vocábulo grego *parousia* (de *páreimi*: estar presente, estar aí, chegar) é originalmente referido tanto à descida ou à manifestação de pessoas divinas na terra (por ocasião de uma festa religiosa ou por uma intervenção milagrosa) quanto às visitas que os reis e príncipes faziam às cidades submetidas aos seus impérios. O sentido principal do termo, conforme a cultura grega é de visita, chegada, advento de um soberano ou uma divindade. Serve para ser empregado como conceito político e religioso (BRUSTOLIN, Leomar A. *Quando Cristo vem... A Parusia na Escatologia Cristã*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 16-17).

³⁴² Existencialismo cristão: a essência humana corresponde a um atributo de Deus. Para os filósofos adeptos desta corrente, a essência humana é construída durante sua vivência, a partir de suas escolhas, uma vez que possui liberdade incondicional. Para os existencialistas, a existência humana é baseada nas angústias e no desespero. A partir da autonomia moral e existencial, são feitas escolhas na vida e são traçados caminhos e planos. Neste caso, toda escolha implicará numa perda ou em várias, dentre muitas possibilidades que são postas. Um dos principais filósofos existencialistas foi o dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), considerado o “pai do existencialismo”. Fez parte da linha do existencialismo cristão, no qual defendia, sobretudo, o livre-arbítrio e a irredutibilidade da existência humana. Ainda outros filósofos existencialistas foram Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus, Merleau-Ponty e Karl Jaspers. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/existencialismo>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

pensamento escatológico foi desenvolvido no último período de sua vida, com cartas a serem escritas na prisão sob conjunturas trágicas, o que constituiu um condicionamento sentimental emocional (psicológico-espiritual) importante na reflexão teológica que expressavam. A partir de então, de acordo com Santos (2005, p.517) desenvolveu seu pensamento escatológico em conexão com o pensamento de Bultmann, indo além do programa de desmitologização, que consistia em desmitologizar não somente os milagres, mas o próprio Deus, a fim de dar a tudo uma interpretação não religiosa. Com isso, sua preocupação não era com os eventos após a morte, mas com a inquietação por este mundo, convidando os cristãos a viverem suas vidas como se Deus não existisse (viver sem religião), o que deveria incluir a vontade de imitar Cristo, crendo que isso era próprio da maturidade cristã que os homens modernos alcançaram.

Já, segundo Santos (2005, p.517), o teólogo Oscar Cullmann, em sua teologia, rompeu com o pensamento escatológico de Barth e da escatologia existencialista de Bultmann por não encontrar uma interpretação histórico-salvífica que compreendesse as escrituras na escatologia temporal da mensagem cristã. A respeito disso, o núcleo duro da interpretação do Novo Testamento, de Cullmann, referia-se ao *eschaton* como salvação atualizada no tempo, posicionando-se de maneira radical contra o pensamento de Bultmann, que reduziu o Novo Testamento a uma interpretação existencial, sendo que, para ele, a história da salvação era a essência do evangelho e, naturalmente, vinculava totalmente a escatologia a essa perspectiva soteriológica.

Outro teólogo protestante que construiu seu pensamento teológico tomando como fundamento o diálogo crítico com Barth e Bultmann de acordo com Santos (2005, p.551) foi Jürgen Moltmann, que criticou as ideias destes teólogos a partir do seu pensamento histórico-prático ou social, que teve influências de Hegel, Marx e, principalmente, do filósofo Ernst Bloch, com a obra intitulada “O Princípio da Esperança”. Os autores Althouse, e Waddell (2010, p.17) comentam que Moltmann criticava a escatologia existencial de Bultmann argumentando o pessimismo de seu pensamento, no qual o futuro entraria em colapso no presente, tornando os aspectos escatológicos do julgamento e da ressurreição uma realidade presente, contudo, a morte se tornaria um comunicado apocalíptico de aniquilação para o existencialismo secular. Já no existencialismo cristão, as ansiedades sobre aniquilamento da morte apontavam para a crise da fé. Santos (2005, p.551) destaca que a esperança era o tema central do pensamento escatológico de Moltmann, por isso, toda a concentração de sua teologia era em torno da escatologia, visto que essa disciplina teológica não é uma sistemática das realidades últimas, mas um tratado que fundamenta o conjunto de toda a teologia cristã, uma vez que a esperança faz parte e está presente em todo o labor teológico.

O método hermenêutico e exegético de interpretação escatológica oficial do pentecostalismo clássico é o literal. Essa constatação fundamenta-se segundo Bertone (2010, p.49.) relata que devido à influência do dispensacionalismo na escatologia pentecostal, que defende o método de interpretação literal ou histórico-gramatical. No entanto, Palma (2002, p. 12) chama a atenção para o método narrativo que se aproxima da hermenêutica pentecostal por conta da valorização da história pela teologia narrativa, no sentido de analogia, que tem afinidades com a aproximação pentecostal na compreensão do batismo do Espírito Santo com base no livro de Atos dos Apóstolos. Apesar de Atos dos Apóstolos ser, estruturalmente, um livro histórico e com o

propósito de registrar a história da igreja primitiva, Palma (2002, p. 13-14) argumenta, especificamente, que o evento de Pentecostes, registrado em 2:1-4, foi único e sem repetição, porém, ficou ratificado na ascensão de Jesus e pode ser considerado histórico-redentor ou histórico-salvífico. Dessa forma, o método narrativo pode contribuir para a escatologia pentecostal no sentido do *eschaton*, visto que as experiências narrativas valorizam a preocupação que envolve a vida prática. Lopes *apud* Manzatto, Passos e Villac (2013, p.2-3) faz a diferença entre os termos *eschaton* e *eschata*, explicando que a primeira busca o sentido último de todas as coisas, enquanto o segundo indica a pergunta pelas coisas futuras. Nesse sentido, a escatologia que está fundamentada na *eschata* tem sua ênfase em discussões teóricas relacionadas às últimas coisas que hão de ocorrer no mundo, lidando com especulações e não tendo nenhuma ligação com a vida prática do cristão. Também o *eschaton* prioriza o reino de Deus no presente e não tenciona, a priori, acerca de perguntas com as coisas relativas somente para o futuro, mas busca o sentido último da vida, que é o próprio Deus.

Diante desse síntese histórica do cenário remoto analisado na pesquisa, da interpretação escatológica na história da teologia, com os métodos literal (histórico-gramatical), alegórico e histórico-crítico da escatologia consistente, da escatologia realizada e da escatologia existencial, é um assunto que vem contribuir de maneira geral para o milenarismo e as quatro formas de interpretação escatológica — idealista ou simbólica, futurista, historicista e preterista —, nas quais os temas arrebatamento, grande tribulação e milênio constituem o principal enfoque.

1.2 Correntes de interpretação escatológica e referente a escatologia oficial do pentecostalismo clássico: apropriação e (des)apropriação

Como já foi exposto, o esquecimento da lei nesse período histórico, conforme Raccah (2010, p.27) foi o fato de que os judeus substituíram a língua nativa, o hebraico, pelo aramaico. Além disso, alguns dos objetivos da escatologia eram a explicação e a interpretação das verdades reveladas e símbolos da experiência religiosa, que se apresentaram revelados no *Tanakh*, sendo, por muitas das vezes, especulativas e com diversidade de opiniões — mais do que concordância. Assim, a escatologia como símbolo tem a preocupação com a interpretação da história de maneira significativa, proposital e ética, o que difere das ideias de muitos historiadores e filósofos. Por exemplo, o historiador não está preocupado com o fim da história, nem se anima para transcendê-la ou relacioná-la com alguma realidade cósmica superior, e ao filósofo, embora concorde com o conceito de interpretação da história, as preposições não impedem muitos deles de especularem sobre a natureza e o desígnio da história humana. Nesse sentido, de acordo com Raccah (2010, p.27) a maioria das religiões referente à escatologia segue o princípio filosófico grego de interpretação, o qual afirma que a história se move em ciclos de tempo por toda a eternidade, não em um tempo linear culminando com um objetivo específico. Essa visão cíclica, ou o mito do eterno retorno, afirma que a história é repetitiva, sem direção e propósito e destituída de fim, diferentemente na tradição judaico-cristã. Quer dizer, a história é significativa e linear, tem um objetivo e oferece esperança na vinda do reino messiânico — e este significado da história é revelado nas escrituras sagradas em uma teologia da história.

De acordo com Carvalho (2016, p.11) o milenarismo esteve presente no pensamento judaico-cristão relacionado à crença da chegada de um novo mundo. As doutrinas escatológicas do pentecostalismo clássico estavam inseridas no

milénarismo. Ainda, Carvalho (2016, p.37) salienta que aproximadamente a totalidade dos discursos escatológicos dos pentecostalismos no Brasil está aliada com o milénarismo, acrescentando que as crenças milénaristas sempre estiveram presentes nas teologias do pentecostalismo brasileiro. Reconhecemos que a sistematização dessas crenças nas Assembleias de Deus do Brasil é herança de tradições teológicas europeias e estadunidenses. Encontramos discursos escatológicos no hinário, na mídia impressa e eletrônica, nas pregações dos pastores e em livros publicados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

Os conceitos teológicos pautados nas escatologias, segundo os autores Althouse, e Waddell (2010, p.23-24) incluem o apocalíptico, que enfatiza a crença na revelação divina do fim por meio das contínuas lutas históricas entre o bem e o mal; o milénarismo, que chama a atenção para um reino de mil anos no fim da história; e o messianismo, que afirma a crença em um salvador divino que trará um período de libertação e prosperidade. A escatologia do pentecostalismo está inundada com visões milénares do fim, tendo como fundamento o reinado de mil anos de Cristo no fim dos tempos. Ela argumenta que Deus virá julgar o mundo e estabelecer o reino divino nesta terra. Todavia, as visões milénaristas diferem de maneira substancial. Os conceitos milénaristas começaram a partir dos métodos aplicados aos textos escatológicos e apocalípticos. Conceição (2000, p.55) define três escolas escatológicas sobre o milênio: pré-milénarismo, pós-milénarismo e amilénarismo. Cada uma faz a sua própria leitura sobre o tema. De acordo com o autor, o pré-milénarismo divide-se em histórico e dispensacionalista. A principal diferença entre esses dois grupos está relacionada ao método de interpretação — enquanto o primeiro é espiritualista, o segundo é literalista. E ainda, historicamente, o pré-milénarismo remonta ao segundo século no Tertuliano e no montanismo.

O dispensacionalismo surgiu no século XIX com a desilusão acerca do retorno de Cristo, que não ocorreu como previsto, colocando o milénarismo em uma posição minoritária dentro das tradições cristãs. Então, conforme os autores Althouse, e Waddell (2010, p.11) o dispensacionalismo mudou essa descrença entre os pentecostais. Essa linha escatológica iniciou-se com um grupo de pensadores da reflexão teológica da Universidade de Oxford e da Trinity College Dublin e foi popularizada pelos esforços de John Nelson Darby e pela publicação da Bíblia de Scofield³⁴³. Assim, o problema da desconfiança milénarista foi resolvido com a admissão de um arrebatamento secreto para os fiéis santos da igreja. De acordo com os cálculos proféticos, ele foi suspenso por um período, mas agora começava com o Pentecostes com a igreja, o qual seria retomado e as especulações do fim seriam concretizadas no arrebatamento, que começaria com uma tribulação de sete anos,

³⁴³ Bíblia de Scofield: desde sua experiência de novo nascimento ou conversão, típica do protestantismo que abraçou, Scofield estabeleceu como meta pessoal a elaboração de um método de estudo em que a Bíblia fosse concebida para que todos pudessem compreendê-la por si mesmos. No que tange a uma visão teológica de mundo e história, é bem verdade que John Nelson Darby já havia levado o dispensacionalismo da Inglaterra para a cultura norte-americana. O grande diferencial da Bíblia de Scofield residia na conjunção da escatologia dispensacionalista pré-milénarista com um modelo didático e doutrinário de leitura do texto sagrado e, conseqüentemente, da vida. Para o dispensacionalismo, a história está dividida em eras, as sete dispensações: da inocência (Gn 1:28); da consciência ou responsabilidade moral (Gn 3:7); do governo humano (Gn 8:15); da promessa (Gn 12:1); da lei (Êx 19:1); da igreja (At 2:1); e do reino (Ap 20:4) (BÍBLIA DE ESTUDO SCOFIELD. São Paulo: Holy Bible, 2009, p. 3).

quando surgiria o Anticristo, que perseguiria os santos pós-arrebatamento (que não foram arrebatados), culminando na derrota deste inimigo e nas forças opostas a Deus em uma batalha no Armagedon.

Erickson (2010, p.65-69) analisa o pós-milenarismo apresentando sete temas básicos para a compreensão dessa perspectiva escatológica: o reino de Deus é uma realidade presente e está aqui de modo terreno; a conversão de todas as nações ocorrerá antes do segundo advento de Cristo; a paz esperada não acontecerá da noite para o dia e se concretizará no milênio; o reino chegará gradualmente; um período de apostasia e exploração do mal acontecerá em conexão com a vinda do Anticristo no final do milênio; o segundo advento de Cristo acontecerá no término do milênio; e na volta de Jesus ocorrerá a ressurreição de todos, justos e injustos. Alguns pós-milenaristas ainda sustentam a ideia da conversão da nação judaica.

Sobre o amilenarismo, Conceição (2000, p.57) comenta que, em sua forma original, esta teoria afirma que a Bíblia não prediz milênio algum, nem para antes, nem para depois da segunda vinda de Cristo; que não foi revelado ao homem nenhum programa das eras; que Cristo voltará visivelmente, mas ninguém sabe o tempo nem os acontecimentos preliminares.

O amilenarismo utiliza o método alegórico de interpretação escatológica. Em alguns aspectos, pode ser considerado o mais claro e simples diante das outras escolas. Ainda ocorre uma relação entre o amilenarismo e o pós-milenarismo, visto que muitos amilenaristas, de acordo com Erickson (2010, p.90) são antigos pós-milenaristas. Contudo, há diferenças entre as duas escolas de interpretação.

Os temas *parusia*, grande tribulação e milênio formam um tripé das principais temáticas da escatologia cristã, proporcionando tensões e debates acalorados nas igrejas e academias por meio de comentários de leigos e teólogos cristãos. Shedd (2006, p.15.) destaca que “entre as maiores divisões que separam os evangélicos encontramos a divergência em relação ao milênio mencionado em Apocalipse 20, muitos ainda estão confusos diante das distintas posições referentes à ocasião da vinda de Cristo, será antes, durante, ou depois da tribulação?”. A interpretação desses eventos coopera para o desenvolvimento da esperança e da fé e, conseqüentemente, contribui para o estabelecimento da espiritualidade da membresia das igrejas cristãs. Dessa forma, a dúvida, a suspeita e a crítica se estabelecem como fatores motivacionais para o estudo mais aprofundado da escatologia bíblica.

Entre os acontecimentos da *parusia*, destaca-se o arrebatamento da igreja, que apresenta diversas dificuldades e tensões. Pentecost (2006, p.275) descreve quatro teorias sobre o tema: a do arrebatamento parcial, cuja interpretação não está relacionada ao período tribulacional, mas aos indivíduos que sofrerão a translação; a do arrebatamento pós-tribulacionista, que diz que a igreja continuará na terra até a segunda vinda, no final da tribulação, quando será arrebatada; a do arrebatamento mesotribulacionista, a qual ensina que a igreja será arrebatada ao final da primeira metade da tribulação; e a do arrebatamento pré-tribulacionista, que destaca que a igreja, em seu todo, será por ressurreição e por transferência retirada da terra antes da tribulação. As grandes controvérsias doutrinárias dessas teorias apresentam-se no aspecto temporal, ou seja, quando ocorrerá a translação da igreja. Contudo, há concordância e unanimidade de todos os teóricos dessas teorias sobre o segundo advento de Cristo e, conseqüentemente, o seu reinado.

Os conceitos tribulacionistas deram origem ao ensino conhecido como grande tribulação. Erickson (2010, p.133) comenta sobre a importância do exame do sistema teológico e hermenêutico do dispensacionalismo antes do estudo das várias visões tribulacionistas, visto que esse sistema exerce uma enorme influência sobre as conclusões milenaristas e tribulacionistas devido à sua aproximação com a teologia fundamentalista, concretizando-se em uma hermenêutica particular de interpretar a Bíblia. Isso pode ser aferido no modelo pré-tribulacionista, que está imerso nas doutrinas fundamentalista e dispensacionalista. Ainda, Erickson (2010, p.201) classifica os conceitos tribulacionistas em três vertentes: o pré-tribulacionismo, sistema que dá mais atenção aos detalhes da escatologia e insiste na realidade literal da grande tribulação, uma tribulação inigualável em toda a história; o pós-tribulacionismo, sistema que não acredita que o arrebatamento seguirá a tribulação, pois não emprega os termos arrebatamento e transladação, distingue a grande tribulação e a ira de Deus e indica que a igreja passará pela grande tribulação, mas será poupada da ira de Deus; e as posições intermediárias, sistemas que tentam incorporar aspectos relevantes tanto do pré-tribulacionismo quanto do pós-tribulacionismo — um exemplo disso é o mesotribulacionismo, que apresenta o ponto de vista de que a igreja passará pela primeira parte da grande tribulação. Esses sistemas tribulacionistas têm uma relação com os conceitos milenaristas, principalmente com a subdivisão do pré-milenarismo.

Conclusão

A interpretação do Antigo Testamento a respeito da escatologia origina-se em uma esperança sinalizada para o futuro. Muitas das vezes sob a perspectiva de libertação, trazia a ideia de uma salvação realizada por Deus, sendo essa esperança, em diversos momentos da história de Israel, retomada, ressignificada e intensificada em expectativas para o futuro. Também a concepção de aliança, fundamentada na obediência da lei, foi um condicionamento para o cumprimento da promessa de Deus no futuro. No Novo Testamento, por sua vez, a escatologia, na visão da escatologia oficial do pentecostalismo clássico, é o cumprimento parcial das promessas em relação a Jesus (o Messias), sendo que algumas profecias somente serão cumpridas no estado pleno na segunda vinda de Jesus. Nesse sentido, essa escatologia pode ser considerada inaugurada, não realizada. O Novo Testamento mostra duas perspectivas de interpretação escatológica: a primeira, quando se buscavam no Antigo Testamento as profecias acerca da vinda de Cristo e a conclusão a que se chegava era de que estava agora nos últimos dias; e a segunda, quando se olhava para o futuro, para a consumação final ainda por vir, se tinha a certeza de que o último dia estava chegando.

As duas escolas mais conhecidas no período antigo da igreja cristã foram a de Alexandria e a de Antioquia. A primeira era defensora do método alegórico de interpretação, enquanto a segunda evidenciava o método literal de interpretação. Orígenes foi o grande teórico da escola de Alexandria e seu método teológico corresponde à alegoria. O método alegórico de Orígenes obteve grande amplitude na teologia cristã, chegando a ser o método mais usado durante a Idade Média, com o trabalho do padre Lubac e também a contribuição e a influência do teólogo Agostinho de Hipona para a concepção do método alegórico de interpretação. Ainda se destacaram no período medieval os pensamentos de Joaquim de Fiore e Tomás de Aquino. Fiore com seu método concordista, referente à concordia, que se difere do

entendimento clássico da alegoria. E Aquino, superando a teologia monástica de Fiore, com a teologia escolástica, lutando contra a divisão entre a filosofia e a teologia, minimizando os embates entre as duas ciências, principalmente pela rivalidade entre o pensamento aristotélico e o pensamento agostiniano. Em síntese, Aquino tentou dar uma maior racionalidade à teologia, mas na escolástica geral, o sentido espiritual da tradição está todo incluso no sentido literal. Assim, o século XIII é considerado o período do renascimento devido à redescoberta da obra de Aristóteles, que foi decisiva para o desenvolvimento da escolástica e do restante do pensamento desenvolvido na Idade Média.

Os reformadores Lutero e Calvino confrontaram a concepção da teologia e da eclesiologia medieval e expuseram grande agitação teológica na igreja. Diante disso, buscaram retornar ao método literal de interpretação. Cabe lembrar que Calvino é considerado o fundador da exegese do método histórico-gramatical. Por conseguinte, na Idade Moderna, ocorreram muitas mudanças em virtude das tensões teológicas, políticas, econômicas e filosóficas e, conseqüentemente, uma oposição entre o pensamento moderno iluminista e o pensamento cristão medieval. Por conta disso surgiu o liberalismo teológico, com a teologia liberal (que se utilizou do método histórico-crítico) e a neo-ortodoxia, com o objetivo de responder o pensamento da modernidade iluminista. Nesse sentido, a teologia cristã enfrentou diversas críticas e transformações, sendo que uma das disciplinas teológicas mais afetadas foi a escatologia. A escatologia consistente ou radical, de Weiss e Schweitzer, argumentava que todos os discursos de Jesus eram escatológicos. Essa percepção escatológica foi superada pela escatologia realizada de Dodd. A escatologia consistente afirmava que os acontecimentos profetizados por Jesus nunca ocorreram. Já a escatologia realizada argumentava que esses acontecimentos haviam ocorrido, desafiando, assim, a ideia futurista da escatologia.

Esse contexto demonstra os resultados ocorridos nesse período em que se estabeleceu o despertar escatológico. Porém, é importante destacar que foi Barth que sistematizou o argumento contra a percepção de futuro da escatologia, por meio da escatologização programática da totalidade da teologia, que significa que o termo escatológico perde todo seu conteúdo temporal. Dessa maneira, a escatologia não tem relação com o tempo — na realidade, a eternidade não é comparável ao tempo. Esse pensamento escatológico de Barth abriu uma nova etapa para a escatologia, mostrada em duas vertentes na perspectiva protestante: a primeira, religiosa, representada por Rudolf Bultmann; e a segunda, “não religiosa”, representada por Dietrich Bonhoeffer. Já Cullmann rompe com o pensamento escatológico de Barth e da escatologia existencialista de Bultmann, recorrendo a uma escatologia em uma perspectiva totalmente soteriológica. Além disso, Moltmann dialoga e critica a escatologia transcendental de Barth e a escatologia existencialista de Bultmann, buscando na esperança a chave hermenêutica para o seu pensamento escatológico, concentrando toda a sua teologia em torno da esperança escatológica.

Como questões relevantes e importantes, a pesquisa conclui que o método hermenêutico e exegético de interpretação da escatologia oficial do pentecostalismo clássico é o literal. Isso ocorre devido, principalmente, à influência do dispensacionalismo na escatologia pentecostal, que defende o método de interpretação literal ou histórico-gramatical. Entretanto, a pesquisa advoga que o método narrativo é o que mais se aproxima da hermenêutica pentecostal, por conta da valorização da

história pela teologia narrativa, sendo que o método narrativo pode contribuir para a escatologia pentecostal no *eschaton*, que busca o sentido último de todas as coisas no próprio Deus e prioriza o reino de Deus no presente, visto que as experiências narrativas valorizam a preocupação que envolve a vida experiencial e a práxis dos pentecostais. A interpretação escatológica na história da teologia, com os métodos literal (histórico-gramatical), alegórico e histórico-crítico, bem como as escatologias consistente, realizada, existencialista e transcendental, pavimentou o caminho para o milenarismo e, conseqüentemente, as quatro formas de interpretação escatológica: a idealista ou a simbólica, a futurista, a historicista e a preterista. Essas escolas de interpretação escatológica têm como fundamento principal os temas referentes ao arrebatamento, à grande tribulação e ao milênio.

A pesquisa conclui, então, que as visões milenaristas sempre estiveram presentes na escatologia dos pentecostais clássicos, baseadas no reinado de mil anos de Cristo no fim dos tempos, quando Jesus virá para julgar o mundo e estabelecer o seu reino nesta terra. Esses conceitos milenaristas se estabelecem de acordo com os métodos aplicados aos textos escatológicos e apocalípticos e se dividem em pré-milenarismo, pós-milenarismo e amilenarismo. O pré-milenarismo, por sua vez, divide-se em histórico e dispensacionalista. O dispensacionalismo resolveu e superou o problema das desilusões e frustrações deixadas pelo milenarismo acerca do retorno de Cristo, que não ocorreu conforme previsão milenarista. A escola dispensacionalista se popularizou pelos esforços de John Nelson Darby e pela publicação da Bíblia de Scofield. Diante disso, a escatologia oficial do pentecostalismo clássico optou por uma corrente escatológica dispensacionalista, pré-milenarista (o retorno de Cristo antes do milênio) e pré-tribulacionista (o arrebatamento da igreja antes da grande tribulação), visto que as visões tribulacionistas também fazem parte da doutrina dispensacionalista. A análise histórica e teológica referente aos métodos e às correntes de interpretação escatológica ajudaram o pesquisador e o leitor a entenderem como a escatologia oficial do pentecostalismo clássico veio a optar por essa linha escatológica.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Doutrina Cristã*. Manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras: teorização, história e tipologia*. 2012. 283 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). PUC/SP. São Paulo, 2012.

ALTHOUSE, Peter. WADDELL, Robby. ONG. *Perspectives in Pentecostal Eschatologies: world without end*. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2010.

ANCONA, Giovanni. *Escatologia Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ARAGÃO JÚNIOR, Ricardo José Fernandes. *A escola de Antioquia: uma reflexão sobre seu estilo interpretativo à luz de São João Crisóstomo*. n.2, s.1. São Paulo: Revista Summae Sapientiae, 2019.

BERTONE, John A. *Seven dispensations or two-age view of history: a Pauline perspective*. In. ALTHOUSE, Peter; WADDELL, Robby. ONG. *Perspectives in Pentecostal Eschatologies: world without end*. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2010.

BÍBLIA DE ESTUDO SCOFIELD. São Paulo: Holy Bible, 2009.

BLANK, Renold J. *Escatologia do Mundo: o projeto cósmico de Deus*. São Paulo: Paulus, 2016.

BLANK, Renold. *Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2000.

BRUSTOLIN, Leomar A. *Quando Cristo vem... A Parusia na Escatologia Cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.

CALIXTO, José Kleber Fernandes. *Escatologia Reformada e uma refutação à Teologia da "última geração"*. Ibiá/MG: Igreja Presbiteriana, 2001.

CARVALHO, Osiel Lourenço de. *(In) versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro: uma análise da posição e ação política das Assembleias de Deus 1930-1945 e 1978-1988 a partir do jornal Mensageiro da Paz*. 2016. 180 fl. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). UMESP. São Bernardo do Campo/SP, 2016.

CHARETTE, Blaine. *Restoring the Kingdom to Israel: Kingdom and Spirit in Luke's*. In. ALTHOUSE, Peter. WADDELL, Robby. ONG. *Perspectives in Pentecostal Eschatologies: world without end*. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2010.

COLLIN, M. LENHARDT, P. *Evangelho e Tradição de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1994.

CONCEIÇÃO, Eurípedes da. *Escatologia: uma análise introdutória*. Rio de Janeiro: STPRJ, 2000.

Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/tanakh/>> Acesso em: 02 de jul. 2020.

DISPONÍVEL EM: <<http://arqrio.org/formacao/detalhes/971/a-palavra-de-deus-na-biblia-19-interpretacao-e-traducao-da-biblia>>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

DISPONÍVEL EM: <<http://arqrio.org/formacao/detalhes/971/a-palavra-de-deus-na-biblia-19-interpretacao-e-traducao-da-biblia>>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

DISPONÍVEL EM: <<https://www.todamateria.com.br/existencialismo>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

ERICKSON, Millard J. *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

FARRAR, F.W. *The History of Interpretation*. Eugene Oregon: Kessinger Publishing, 2014.

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis, 1994.

GATT, Pablo. *Conhecendo Tomás de Aquino: breves apontamentos sobre vida e obras*. v. 9, n. 1. Franca SP: Revista História e Cultura, 2020.

GRUDEM Wayne. *Teologia Sistemática: atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

- JESUS, Jorge Martins de. *Teologia e História da Escatologia e da Apocalíptica*. Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo. v. 10, n. 18, jul/dez, 2016.
- LOPES, Augustus N. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. 3. Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- LOPES, Edson Pereira. *Fundamentos da Teologia Escatológica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
- LUPI, Joao Eduardo Pinto Basto. *A escola de Alexandria como núcleo do helenismo cristão*. Florianópolis: UFSC - Revista de Ciências Humanas, 2019.
- MANZATTO, Antônio. PASSOS, João Décio. VILLAC, Sylvia. *De esperança em esperança – escatologia*. São Paulo: Paulus, 2009. IN. LOPES, Edson Pereira. *Fundamentos da Teologia Escatológica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
- NASCIMENTO, Sidnei Francisco. *Orígenes, alegoria, exegese: a procura de uma hermenêutica e de um método investigativo*. V. 09. N. 01. p. 64 – 80. Florianópolis: UFSC - P E R I - Revista de Filosofia. 2017.
- OLIVEIRA, Terezinha. *Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional*. v. 23, n. 37. Belo Horizonte: Varia História, jan./jun., 2007.
- PALMA, A. D. *O Batismo no Espírito Santo e com fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- PENTECOST, J. Dwight. *Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros*. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- PIPER, Otto A. *A Interpretação Cristã da História (II)*. Revista de História, São Paulo/USP – v. 12, n. 26. 1956.
- PORTELLA, Rodrigo. *A escatologia da pessoa em Lutero: debate ignorado?* V. 21. São Leopoldo, RS: Protestantismo em Revista, jan.-abr. 2010.
- RACCAH, William. *Early Jewish eschatology*. In. ALTHOUSE, Peter. WADDELL, Robby. ONG. *Perspectives in Pentecostal Eschatologies: world without end*. Eugene, Oregon: Pickwick Publications, 2010.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Porto-Portugal: RES-Editora, 1969.
- ROSSATTO, Noeli Dutra. *Filosofia e leitura Medieval*. v. 27. n. 02. Porto Alegre: FAPERGS – Educação, 2002.
- ROSSATTO, Noeli Dutra. *Hermenêutica e leitura da história em Joaquim de Fiore*. Veritas, v. 43, n. 3. Porto Alegre, set./1998.
- ROSSATTO, Noeli Dutra. *Joaquim de Fiore: trindade e a nova era*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2004.
- SANTOS, Ivanaldo Oliveira. Tomás de Aquino e o século XIII. ano 17. n.1. Recife: PUC - Pernambuco Ágora Filosófica, jan/jun. 2017.
- SHEDD, Russell P. *Escatologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.



SILVA, Jéfeson Marques da. *Panorama histórico da interpretação bíblica: do Antigo Testamento até o período dos reformadores*. v.20, n. 20. Curitiba: Revista Via Teológica, 2019.

SILVA, Maria Freire da. *Aspectos escatológicos no pensamento de Gregório de Nissa*. V. 43, N. 2, p. 245-262. Porto Alegre: Teocomunicação, jul./dez. 2013.

SOUTO, Leandro Nazareth. *Aspectos escatológicos no pensamento de Orígenes de Alexandria*. 79 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) UFU, Uberlândia, 2018.

SOUZA, Raimundo Pereira de. *O Midrash como formação e exegese do Novo Testamento*. Disponível em: <academia.edu>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

WOOD, Leon J. *A Bíblia e os eventos futuros: panorama da escatologia bíblica*. São Paulo: Candeia, 1993.